Dr. José Joaquim Fernandes da Costa (1863 -1919)

Por Fernando da Motta[1]

Dr. José Joaquim Fernandes da Costa.
Fonte: Espaço Memória – Arquivo Municipal, espólio A. P. Valegas

Nasceu na vila do Barreiro a 22.6.1863. Filho de Joaquim do Rosário da Costa, negociante e abastado proprietário local e de sua mulher, D. Joana Baptista Costa, ambos naturais do Barreiro.

Casou em 14 de fevereiro de 1891, no Barreiro, com a prima Hermínia do Rosário Costa, filha de José Pedro da Costa e Gertrudes Maria do Rosário Costa[2].

Cursou a Escola Médico-Cirúrgica de Lisboa e foi médico muito distinto, tendo sido facultativo municipal e depois, subdelegado de saúde do Barreiro. Segundo

[1] Historiador da Câmara Municipal do Barreiro, doutor em História pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Este trabalho de investigação elaborado em 2024, insere-se na investigação desenvolvida pelo Espaço Memória no sentido de elaborar biografias de diversas personalidades locais.

[2] DGLAB-TT, Arquivo Distrital de Setúbal, Registos de casamento da paróquia de Santa Cruz (Barreiro), 1891, fl. 4vº. Apesar de médico, em 23 de fevereiro de 1900 faleceu o seu primeiro filho, com 1 mês de idade, não se conhecendo mais descendência desta união.

Armando Silva Pais era um homem temperado, mas debaixo do seu feitio exigente e autoritário, escondia um coração compadecido[3]. Esta sua força de carácter é-nos revelada pelas ocasiões (pelo menos aquelas que chegaram à imprensa) em que se envolveu em cenas de pugilato ou "bengaladas", como em setembro de 1892 com o médico de Alhos Vedros, Dr. Moreira, na estrada que ligava o Lavradio a Alhos Vedros[4]; em 1899, por ter agredido José António Rodrigues, correspondente da "Folha do Povo", na gare da estação do caminho de ferro do Sul[5]; e, em julho de 1900, com novas agressões, puxando, inclusivamente, de uma arma, contra João Maria Jordão no hospital da Misericórdia do Barreiro, o que originou uma pequena revolta popular no largo de Santa Cruz, onde se situava um posto de socorros.

Grande admirador dos espetáculos tauromáquicos, foi um dos sócios fundadores da Empresa da Praça de Touros do Barreiro, no dia 10 de julho de 1891, em conjunto com o conselheiro Augusto Gomes de Araújo e José Joaquim Evaristo da Silva. A sociedade anónima, então formada, era constituída por outros 106 sócios que somavam um capital de 8,5 contos de réis[6].

Foi também um dos fundadores do Sport Club Barreirense, que segundo a sua proposta, alterou a designação para Grémio Barreirense, em 1903[7]. Este Grémio, estava instalado no teatro que havia pertencido à Sociedade Marcial Capricho Barreirense "os Franceses", tendo, a partir dessa data, a passagem entre os dois edifícios sido entaipada[8].

Apesar do seu carácter, por vezes, conflituoso, desempenhou de forma exemplar as funções de médico.

As dificuldades provocadas pelos temporais, no mar-alto, aos pescadores eram constantes, provocando crises alimentares gravíssimas entre as famílias da classe piscatória. Nesse sentido, em março de 1895, o Dr. José Joaquim Fernandes da Costa ficou à frente de uma comissão de cidadãos, encarregue de recolher donativos para acudir aos pescadores do Barreiro[9].

---

[3] Armando da Silva Pais, O Barreiro Antigo e Moderno. As Outras Terras do Concelho, 1963, CMB, p. 283 e 360.
[4] *O Século*, de 18.8.1892.
[55] *O Século*, 12.6.1899. Esta agressão, valeu ao médico, o seu julgamento no tribunal do concelho e condenação a 15 dias de prisão, remíveis a 500 reis de multa por dia. Segundo Armando da Silva Pais, as razões desta agressão deveram-se ao facto de o médico ser um monárquico convicto e filiado no partido Regenerador (fonte: Armando da Silva Pais, O Barreiro Contemporâneo: A Grande e Progressiva Vila Industrial, Miscelânea, 1971, CMB, p. 75.
[6] *Diário do Governo*, n.º 161, de 23 de julho de 1891.
[7] *O Século*, 12.12.1903.
[8] O teatro a que nos referimos, foi mais tarde utilizado, como sede, pelo Clube 22 de Novembro, do Barreiro.
[9] Espaço Memória – Arquivo Municipal do Barreiro, Livro de Atas da CMB, 16.3.1895, fl.10.

Dois anos depois, era admitido com a categoria de "Protetor", ou seja, médico dos sócios da Sociedade Humanitária do Barreiro, um montepio barreirense, criado para auxiliar os associados em caso de doença, prisão ou viuvez[10].

O dr. José Joaquim Fernandes Costa, desempenhou, igualmente, as funções de Chefe da Secção Médica Principal, do Serviço de Saúde dos Caminhos de Ferro do Sul e Sueste. Nessa qualidade foi o orador de uma sentida homenagem no funeral do engenheiro João Pedro Tavares Trigueiros, diretor do Corpo de Bombeiros Voluntários do Sul e Sueste, realizado em Lisboa, a 1 de março de 1902[11].

Como Delegado de Saúde da vila do Barreiro, tinha diversas responsabilidades na manutenção da saúde pública, numa vila que crescia tanto no número de novas fábricas, como em número de habitantes.

Exemplo disso, registou-se em 1899, quando o Conselho de Distrito, por seu intermédio, exigiu da Câmara do Barreiro o cumprimento de diversas medidas sanitárias. No seu relatório, criticava os proprietários do Barreiro, por não melhorarem as suas propriedades e os regedores de paróquia e membros da edilidade pela completa falta de eficácia e fiscalização. Exigia a limpeza das ruas de imundices e despejos, a proibição de circulação de animais vivos dentro da vila e a lavagem de roupa suja à porta das casas. As queixas apresentadas pelo delegado de saúde ao Conselho de Distrito, contra a câmara do Barreiro, revelavam cenários de pobreza extrema, como, casos quase mensais de tifo; febre tifoide (referindo o caso de uma cabra que vivia dentro de uma casa na Travessa do Jardim, que era portadora desse doença); peste bubónica; o estado imundo e infecto da esmagadora das cavalariças da freguesia; famílias a viverem em espaços sombrios, acompanhados de "coelhos, pombos, cães, galinhas, gatos, porquinhos da índia e carneiros!"; no Bairro de S. Francisco, que caracterizava como "o mais pobre dos pobres", ficava chocado com a utilização de fezes humanas como adubo nos quintais particulares, "sendo o caso mais grave o do quintal que serve o Asilo da Infância Desvalida , que acolhe 50 e tantas crianças de 4 a 12 anos de idade"[12].

Ou mais tarde, em 1907, quando depois de adquirir a Quinta do Nicola, Alfredo da Silva, solicitou à Administração do Concelho, um requerimento a pedir autorização para a abertura de uma fábrica de ácido sulfúrico nesse local[13]. O parecer do Dr. José Joaquim Fernandes da Costa, na qualidade de Delegado de Saúde do Barreiro, seria fundamental para essa autorização. Na sua resposta ao pedido de Alfredo da Silva, previu os efeitos dos gases libertados, alertando então, para o cumprimento do ponto n.º 2 do artigo único, do mesmo Decreto, ou seja, as cautelas na distância entre a fábrica e as habitações. Na resposta de Alfredo da Silva às dúvidas do dr. Fernandes da Costa, foi confirmado que essa distância de segurança estava a ser cumprida, com a fábrica a ser

[10] Arquivo da Sociedade Democrática União Barreirense, Livro de registo de sócios da Sociedade Humanitária do Barreiro - Admitido a 28 de outubro de 1897, Sócio n.º 991.
[11] Armando da Silva Pais, 1966, O Barreiro Contemporâneo: A Progressiva Vila Industrial, vol. II, CMB, p. 83
[12] Espaço Memória – Arquivo Municipal do Barreiro, Livro de atas da CMB, 29.9.1899.
[13] DGLAB/TT, Governo Civil de Lisboa, Licenciamento de instalações industriais, Cx.01, 1907

construída a 300 metros das primeiras casas, localizadas no Alto de Santa Bárbara, e a 500 metros do largo das Obras. Contudo, Alfredo da Silva, na planta do complexo fabril constante no requerimento, não colocou a localização do bairro operário da companhia, que já estava a ser construído, a poucos metros de distância desta fábrica[14].

A autorização acabou, todavia, por ser concedida e as fábricas entraram em plena laboração, iniciando-se uma nova era de desenvolvimento para a vila do Barreiro. Não foi assim de estranhar que, em 1909, o dr. José Joaquim Fernandes da Costa fosse o escolhido para presidente da Comissão de Melhoramentos Locais, com Amândio Ferreira como vice-presidente, tendo discursado nessa qualidade na inauguração da sala de sessões dos novos Paços do Concelho[15].

Faleceu na Quinta da Cerca (Travessa do Prior, na freguesia do Barreiro) a 9 de junho de 1919, já no período de abrandamento da epidemia pneumónica, durante a qual teve ocasião de revelar notória proficiência e muita dedicação pelos enfermos, vitimado por uma doença que se lhe agravou em consequência de contágio adquirido no exercício profissional[16].

[14] DGLAB/TT, Governo Civil de Lisboa, Licenciamento de instalações industriais, Cx.01, 1907
[15] *Avante*, 9 de dezembro de 1909
[16] Armando da Silva Pais, O Barreiro Antigo e Moderno. As Outras Terras do Concelho, 1963, CMB, p. 283 e 360.